

# **CLIPPING IMPRESSO**

**28/04/2019**



# INDICE

---

1. JORNAL O IMPARCIAL	
1.1. JUÍZES.....	1
2. JORNAL PEQUENO	
2.1. ASSESSORIA.....	2
2.2. DECISÕES.....	3
2.3. DESEMBARGADOR.....	4 - 5
2.4. ESMAM.....	6
2.5. JUÍZES.....	7 - 8
2.6. UNIDADES ADMINISTRATIVAS .....	9

# CORTIÇO NOSSO DE CADA DIA

**OSMAR GOMES DOS SANTOS**

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís; Membro das Academias Ludovicenses de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.

Abril é mês de nascimento de Aluísio Azevedo, escritor maranhense dos mais destacados na literatura brasileira. Por essa razão, guardei um punhado de palavras e uma folha em branco para rememorar um pouco de uma de suas mais importantes obras: O Cortiço. O cenário é o Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo um cortiço – tipo de moradia de precárias condições estruturais. O ano, 1890, marca o fim da submissão do Brasil a Portugal e início do modelo republicano de governo. O fim da escravidão gera enorme demanda de mão-de-obra para o novo modelo de produção capitalista. Neste novo contexto, ou se tinha algum tipo de ofício especializado – algo raro para a época –, ou se submetia ao trabalho exaustivo em troca de alguns poucos réis. A segunda alternativa era a mais comum para a massa de pessoas desocupadas, que agora precisam trabalhar para se sustentar.

Menos qualificação era sinônimo de salário menor, o que mal dava para manter as necessidades básicas. Moradia era artigo de luxo e felizardos eram aqueles que ainda conseguiam um canto em algum cortiço para uma noite de descanso. As instalações precárias eram o único espaço de morada voltado para aqueles com poucos recursos. Neste mosaico social se passa uma das mais importantes obras do movimento naturalista. Uma vida marginal, cheia de malandragem, vícios, traições, ganância, cheia de perspectivas prostituídas pela falta de oportunidades e vazia de esperanças por uma sobrevivência digna.

As duas figuras centrais na trama, além do próprio cortiço, são o comendador Miranda e João Romão. Este último, um pequeno comerciante que a duras penas – e uma boa dose de ganância e desonestidade – cresce na vida. O primeiro, um afortunado, homem de posses, embora as mesmas tenham sido conquistadas junto com o matrimônio.

Romão possuía uma pedreira, uma quitanda e um cortiço. Fixou-se na ideia de enriquecer e para isso trabalhava duro. Movimentava parte de sua riqueza a partir do trabalho que oferecia – uma parcela de seus empregados eram também clientes da quitanda e inquilinos do cortiço. Já Miranda, além do dinheiro, possuía um sobrado, frequentado por pessoas letradas e de nível cultural mais elevado.

Havia uma rivalidade entre ambos, que só acabara após uma trama bem articulada de Romão para se casar com a filha do comendador, Zulmira. Romão ascende socialmente, torna-se barão, seu cortiço passa por um processo de modernização e se transforma em Edifício São Romão, habitado por pessoas de melhores condições financeiras.

Outros, porém, seguindo seu carma social, vão para outro cortiço, chamado de Cabeça de Gato. Lá insistem em reproduzir todas as desventuras e devaneios de uma vida desregrada. Em síntese é esse o desenrolar da história. No entanto, nas entrelinhas é que está a essência da obra. O Cortiço mostra o abismo social que existe entre dois mundos de uma mesma sociedade, o que por si só se torna atualíssimo para nossos dias. A casa grande e a senzala, o cortiço e o sobrado, o morro e o asfalto, a comunidade e os bairros nobres. A dicotomia social ao mesmo tempo encravada e escancarada em nossa história.

A cruel realidade retratada nos aglomerados urbanos do fim do século XIX, notadamente na Cidade Maravilhosa, está presente hoje, se não em todas, pelo menos na maioria das cidades e metrópoles brasileiras.

Não se pretende desmerecer quem ocupa essas áreas menos abastadas, mas apenas alertar para o fato de que em um país gerador de tantas riquezas, a classe pobre foi relegada à própria sorte. Alguns ascenderam socialmente, como João Romão, outros milhões continuam a reproduzir a luta diária pela sobrevivência e outra parcela significativa está às margens da lei e da ordem. Assim, a vida no cortiço segue, dia após dia. Alegrias, tristezas, negociatas, paixões, traições, malandragem, prostituição, gente decente, outras nem tanto. Um mundo paralelo, no qual ainda predomina a lei do mais forte. Para sobreviver, é preciso matar um leão por dia.

O cortiço é de uma fase mais séria de Aluísio Azevedo, cunhado em uma crítica social onde mostra a essência humana em suas vicissitudes, escancarando seus medos, fragilidades, instintos, vícios, defeitos. Passa a ideia de que sempre existirá o abismo da desigualdade entre ricos e pobres, como um ciclo vicioso que não tem fim.

Azevedo segue a tese naturalista e tenta confirmar que o homem é resultado do meio social, da hereditariedade e do contexto histórico. Reforça ideias deterministas que predominam na época, configurado na ordem e progresso de nosso maior símbolo nacional.

É uma obra mais que atual e merece toda nossa atenção. Por mais que se tente combater algumas dessas ideias, ao estabelecer paralelos entre a realidade de outrora e a nossa pode ajudar a compreender o funcionamento de nosso amálgama social.

## Justiça & Cidadania

Antonio Carlos

acarloslua@folha.com.br



### O Brasil escravocrata

Os negros brasileiros formam o único grupo populacional do mundo que não sabe a origem dos seus ancestrais, apesar de mais de 4,8 milhões de africanos escravizados terem sido recebidos no Brasil, entre os Séculos XVI e XIX. Isso ocorre porque a história verdadeira sobre a escravidão não é contada com sinceridade no país. Mesmo o Brasil tendo mais de 52% da sua população com descendência africana, se usa muito palavra “diversidade” para se referir aos negros, como se estes fossem minoria no país.

No período da escravatura, o tráfico de negros do continente africano para o Brasil se transformou no maior negócio de todos os tempos para os colonizadores. O Brasil foi o último país a abolir a escravidão nas Américas e que o mais “importou” escravos africanos – o equivalente a 46% de todos os negros que foram trazidos coercitivamente para as Américas. Os escravos que chegaram aqui acorrentados eram considerados como uma propriedade privada.

A escravidão atingiu o país inteiro. Havia uma espécie de união nacional em torno do tráfico negreiro. A abolição da escravatura só foi pensada no país a partir do momento em que a Inglaterra – maior potência mundial da época – deixou claro que só reconheceria a independência do Brasil se os escravos fossem libertados. O governo inglês, na época, tinha uma importância enorme. Era como se fosse a Organização das Nações Unidas (ONU). Era ele que tinha o poder de garantir o reconhecimento diplomático internacional. Além disso, os ingleses emprestavam dinheiro para o governo, vetavam a importação de africanos e tinham uma força naval que mandava em todos os mares, desde a batalha de Trafalgar (1805). Para que a abolição ocorresse pesou também o fato de a Região Norte não escravista dos Estados Unidos ter garantido a eleição de Abraham Lincoln, 16º presidente dos Estados Unidos, posto que ocupou de 4 de março de 1861 até seu assassinato em 15 de abril de 1865.

Membro do Partido Republicano, Abraham Lincoln era contrário à expansão do escravismo e pregava a sua extinção nas Américas. No seu mandato como presidente dos Estados Unidos ocorreu uma guerra civil sangrenta para acabar com a escravidão naquele país, cujos traumas perseguem até hoje os norte-americanos.

Foi nesse contexto que José Bonifácio de Andrada – que era uma espécie de primeiro-ministro – mandou um projeto para a Assembleia Constituinte, logo depois da independência do Brasil, prevendo a abolição progressiva do tráfico e da escravidão no país. Naquele momento, a classe dirigente e o corpo da administração imperial já tinham perfeita noção de que manter o tráfico de escravos criaria um impasse no país e desagradaria profundamente o poderoso governo inglês. Quando a Inglaterra começou a pressionar mais fortemente, os dirigentes brasileiros cederam, prometendo acabar com o tráfico a médio prazo. Em 1831 foi votado o fim do tráfico de escravos africanos. Porém, sobretudo no Rio, e em menor medida na Bahia e no Recife, foram organizadas redes de comércio clandestinos de escravos africanos. Somente a partir de 1850, foi reduzido o

comércio de escravos, caindo de 60 mil africanos desembarcados, em 1849, para seis mil, em 1851, depois de uma negociação entre a classe dirigente – a administração imperial – e a classe dominante – ou seja, os fazendeiros, as oligarquias regionais. O governo propôs, então, uma lei de imigração para trazer trabalhadores rurais, a redução das tarifas de exportação de café e a construção de uma estrada de ferro na região cafeeira, uma vez que transporte era feito, na época, em lombo de mula.

Quando o tráfico de escravos cessou de vez no Brasil, acabou também a fonte de reprodução externo do sistema escravista, vindo depois a Lei do Ventre Livre, em 1871, que declarou livres os filhos de mães escravas que nascessem a partir daquela data. Assim, foi estancada outra fonte de reprodução da escravidão, que é a reprodução demográfica interna. Dessa forma, houve uma estratégia gradualista para acabar com a escravidão. A mencionada estratégia se resumia na ideia de que a escravidão acaba quando o último escravo morre. Esse era o pensamento do Império para que os donos de escravos não perdessem dinheiro.

Foi então que surgiu o movimento abolicionistas, que se acentuou na década de 1880, com heroicas lideranças, como Luís Gama, André Rebouças, José do Patrocínio, que defendiam suas ideias fervorosamente nos tribunais e nos jornais. Na época, houve movimentos organizados para dar fuga a escravos. Grupos abolicionistas de São Paulo e Recife ajudaram os escravos a fugirem para o Ceará, onde a maioria dos municípios já não tinha mais escravos, desde 1884, e onde os escravocratas eram minoritários. No regime de escravidão, a inquisição portuguesa institucionalizou a tortura como prova, até a pessoa confessar. O Código Criminal especificava que se o condenado fosse escravo ele não iria para a cadeia, pois a pena seria transformada em açoite. Isso acontecia porque caso o escravo fosse para cadeia, causaria uma perda de mão de obra e dinheiro para o seu senhor.

Assim, o escravo era açoitado publicamente, humilhado, torturado. Quando ficava reestabelecido do açoitamento voltava trabalhar normalmente. Até 1888, a tortura era permitida no Brasil, mas somente para os escravos. Os mecanismos da repressão escravista contaminaram a sociedade inteira e tem reflexos até hoje no Brasil, onde, infelizmente, a tortura ainda é praticada de forma dissimulada. Logo depois da abolição a escravidão saiu de pauta e passou a ser abordada apenas para convencer os negros que ela foi uma generosidade da Coroa, do governo, da redentora princesa Isabel. Mas na verdade ela não foi uma benevolência da princesa ou do governo. A monarquia já havia fracassado.

Com o passar dos anos, criou-se no Brasil uma narrativa da escravidão e abolição forjada na mentira, não deixando espaço para a verdadeira História dos afro-brasileiros. Daí o motivo do movimento negro ter proposto a troca do 13 de maio pelo 20 de novembro (Dia da Consciência Negra), da Princesa Isabel por Zumbi – numa luta política significativa. O Brasil não tem como pagar pelos crimes que cometeu contra os negros.



# Giro Econômico

**Aquiles Emir**

aquilesemir@uol.com.br | www.aquilesemir.com.br

## **Termelétrica**

Inaugurada em 2013, a usina termelétrica Itaqui Geração de Energia, teve a legalidade de sua implantação reconhecida pela 1ª Câmara Cível do Tribunal de Justiça do Maranhão (TJMA), que votou a favor das apelações do Município de São Luís para reformar sentença de primeira instância e julgar improcedente a ação que pretende anular procedimento administrativo, decreto municipal e certidão de uso e ocupação do solo, datados de 2007, em favor da empresa, para sua instalação.

## José Luiz Almeida

Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão. Escreve para o Jornal Pequeno aos Domingos, quinzenalmente / jose.luiz.almeida@globo.com / www.joseluizalmeida.com



# ADVERSÁRIO DE MIM MESMO

Nós, de regra, não estamos preparados para derrota. Muito cedo aprendemos, por exemplo, que, numa disputa qualquer, é preciso ganhar. Ouvi – e ainda ouço – de muitas pessoas a seguinte recomendação aos filhos: se apanhar na rua, apanha em casa também. É dizer: a sociedade nos condiciona para a vitória, pois, na sua concepção, é feio perder. E assim, numa contenda qualquer, somos instados a vencer, nem que seja numa rinha de galo, onde os protagonistas não são os que tiram proveito da vitória ou sentem os dissabores da derrota. A grande verdade é que ninguém quer ser apontado como perdedor, uma vez que, ao contrário disso, todos nós almejamos vencer. É assim na vida pessoal; é assim na vida profissional. Contudo, a vida não se constrói apenas com vitórias. Ela é assim: perde-se aqui; ganha-se acolá. Logo, é preciso saber perder e ganhar. Essa máxima da vida, no entanto, não se aceita com naturalidade. Daí a razão pela qual há pessoas que, diante da derrota, seja ela de qual dimensão for, se descabelam, praguejam, agredem, perdem o controle, se indis põem com os amigos e até com os parentes mais próximos. Mas quando se entra numa disputa, seja ela de que nível for, tem-se que saber que podemos, sim, perder ou ganhar. Essa é uma verdade comezinha que nem todo mundo é capaz de entender. Ser vencedor, sair vitorioso de uma contenda, sobrepujar o adversário faz bem à mente – e é o que todos almejam, enfim, porque, como disse acima, a nossa personalidade foi forjada para vencer. Daí a dificuldade de muitos de nós para conviver com a derrota, conquanto saibamos da sua inevitabilidade ao longo da nossa vida. Claro, portanto, que todos nós queremos ganhar. Entretanto, nem sempre é possível vencer, razão pela qual deveríamos, desde a mais tenra idade, estar preparados para a possibilidade de derrota, em face da sua inevitabilidade. Diante da inevitabilidade de uma derrota nas mais diversas contendas da vida, recomenda o bom senso que se analisem as razões da derrota para, nos novos embates, tentar sobrepujar o adversário (sentido amplo), porque, afinal, a vida é assim: ela nos impõe constantes contendas para as quais nem sempre estamos preparados para vencê-las. Essas questões são de fácil compreensão, pois, qualquer um de nós, com o mínimo de bom senso, é capaz de compreender essas linhas introdutórias iniciais dessa reflexão. O bicho pega mesmo é quando perdemos a batalha para nós mesmos. É quando somos derrotados pelas nossas

próprias fraquezas. É quando deixamos que a nossa mente nos leve à lona, quando somos nocauteados pelas nossas próprias idiossincrasias. Curiosamente, o conflito que travamos com nós mesmos é o conflito mais difícil de administrar. Nesse diapasão, temos que ter força interior para enfrentar os nossos medos, as nossas angústias, as nossas fraquezas. Eu, muitas vezes, não soube enfrentar essas questões. E em algumas delas sucumbi como um gladiador que desaba numa arena. E embora eu me apresentasse para mim mesmo como um forte contendor, constatei depois que fui meu próprio adversário; e perdi. Perdi feito. Diante disso, saí da pugna machucado, sofrido, arrasado, um trapo, um resto de gente. Então, decidi que para enfrentar o mundo exterior, para enfrentar o inimigo, eu precisava primeiro vencer os meus medos, as minhas angústias, o meu a çodamento, a minha ansiedade. Só depois de vencer essas batalhas internas foi que pude sobrepujar os inimigos externos. A minha maior batalha, portanto, eu travo comigo mesmo; a minha maior vitória e a minha maior derrota foram em face de mim mesmo. A vida parece simples; e é mesmo, desde que não a compliquemos e sejamos capazes de compreender as nossas limitações, as nossas fraquezas. Mas eu não fui sempre assim, nem sempre tive essa compreensão. Para mim, viver era algo muito mais complexo, estando a complexidade em mim e não nos desafios que a vida me impunha. A verdade é que só passei a entender a beleza e a simplicidade da vida quando superei os meus medos, as minhas fraquezas, as minhas angústias. Eu só passei a viver bem comigo mesmo e com o meu semelhante, quando entendi que eu, assim como todo ser humano, tenho inúmeras virtudes e incontáveis defeitos. Viver, portanto, pode não ser algo tão difícil se nos dermos conta de que, a cada desafio e diante de cada derrota, podemos tirar lições para nos fortalecer interiormente, em vez de, simplesmente, sucumbir e chorar o leite derramado. Não adianta a armadura de um gladiador, o revólver do Zorro, as mágicas do Mandrake, a ambição do Tio Patinhas, os cabelos de Sansão, o estilingue de David, a perspicácia do Mickey, a destreza do super-homem, as teias do Homem Aranha e a força do Hulk, se não tivermos a capacidade de enfrentar o inimigo que habita em cada um de nós, limitando, impondo, muitas vezes, a sua vontade. É isso.



## Mistérios

- Quais foram as autoridades do Judiciário, daqui e de Brasília, que compareceram ao aniversário de Sarney, na capital federal???!!! Tcham, tcham, tcham, tcham...!!!



**Bom Dia Sociedade**  
 Nossa conversa de todas as segundas-feiras

**Orquídea Santos**  
 orquideafsantos@yahoo.com.br

Associação Brasileira de Colunistas, Sociólogos e de Múltipla Especialidade

Accesse nossa página no FACEBOOK, ORQUÍDEA SANTOS NA TV, ou através do google (@orquideafsantos) e veja os vídeos que fizeram sucesso durante a semana.



Bastante prestigiado por autoridades do Legislativo e Judiciário, o lançamento do livro Princípio Constitucional da Fraternidade, do ministro maranhense Reynaldo Fonseca (STJ), realizada na noite de quarta-feira (25), no Salão de Eventos do Superior Tribunal de Justiça, em Brasília. Fonseca dedicou especial atenção e se confraternizou com outros maranhenses ilustres, entre esses, o desembargador Froz Sobrinho (ESMAM- TJMA), o juiz Ângelo Santos (AMMA), os deputados estaduais Othelino Neto (PC do B – MA) e Weverton Rocha (PDT-MA), e várias autoridades do Estado presentes à solenidade. O livro é o resultado da conclusão do curso de doutorado do ministro pela FADISP, de São Paulo, com pesquisa realizada pela Universidade de Siena, na Itália





Rosenira Alves  
**Coluna Vip**  
roseniraalves8@gmail.com

### Medalha “João do Vale”

Em sessão solene, a Assembleia Legislativa do Maranhão, homenageou o com a Medalha “João do Vale” o engenheiro agrônomo e regente do Coral São João, Fernando Elias Mouchereck. A sessão foi proposta pelo deputado Wendell Lages e foi presidida pelo deputado Dr. Yglésio (PDT). Prestigiaram o ato, a diretora de Assuntos Culturais da



O maestro Mouchereck ladeado pelos amigos do Coral de São João

UFMA, Fernanda Pinheiro, o juiz Bruno Duailibe, a vereadora de São Luís, Bárbara Soeiro, amigos, convidados e familiares do homenageado, que é maranhense e um dos grandes incentivadores da cultura maranhense. O evento foi marcado por apresentações do cantor Fernando de Carvalho e do Coral São João, com Angélica Vieira ao piano.

## Osmar Gomes dos Santos

Juiz de Direito da Comarca da Ilha de São Luís, membro das academias Ludovicense de Letras, Maranhense de Letras Jurídicas e Matinhense de Ciências, Artes e Letras.



# CORTIÇO NOSSO DE CADA DIA

Abril é mês de nascimento de Aluísio Azevedo, escritor maranhense dos mais destacados na literatura brasileira. Por essa razão, guardei um punhado de palavras e uma folha em branco para rememorar um pouco de uma de suas mais importantes obras: O Cortiço. O cenário é o Rio de Janeiro, tendo como pano de fundo um cortiço – tipo de moradia de precárias condições estruturais. O ano, 1890, marca o fim da submissão do Brasil a Portugal e início do modelo republicano de governo. O fim da escravidão gera enorme demanda de mão-de-obra para o novo modelo de produção capitalista. Neste novo contexto, ou se tinha algum tipo de ofício especializado – algo raro para a época –, ou se submetia ao trabalho exaustivo em troca de alguns poucos réis. A segunda alternativa era a mais comum para a massa de pessoas desocupadas, que agora precisam trabalhar para se sustentar. Menos qualificação era sinônimo de salário menor, o que mal dava para manter as necessidades básicas. Moradia era artigo de luxo e felizardos eram aqueles que ainda conseguiam um canto em algum cortiço para uma noite de descanso. As instalações precárias eram o único espaço de morada voltado para aqueles com poucos recursos. Neste mosaico social se passa uma

das mais importantes obras do movimento naturalista. Uma vida marginal, cheia de malandragem, vícios, traições, ganância, cheia de perspectivas substituídas pela falta de oportunidades e vazia de esperanças por uma sobrevivência digna. As duas figuras centrais na trama, além do próprio cortiço, são o comendador Miranda e João Romão. Este último, um pequeno comerciante que a duras penas – e uma boa dose de ganância e desonestidade – cresce na vida. O primeiro, um afortunado, homem de posses, embora as mesmas tenham sido conquistadas junto com o matrimônio. Romão possuía uma pedreira, uma quitanda e um cortiço. Fixou-se na ideia de enriquecer e para isso trabalhava duro. Movimentava parte de sua riqueza a partir do trabalho que oferecia – uma parcela de seus empregados eram também clientes da quitanda e inquilinos do cortiço. Já Miranda, além do dinheiro, possuía um sobrado, frequentado por pessoas letradas e de nível cultural mais elevado. Havia uma rivalidade entre ambos, que só acabara após uma trama bem articulada de Romão para se casar com a filha do comendador, Zulmira. Romão ascende socialmente, torna-se barão, seu cortiço passa por um processo de modernização e se transforma em

Edifício São Romão, habitado por pessoas de melhores condições financeiras. Outros, porém, seguindo seu carma social, vão para outro cortiço, chamado de Cabeça de Gato. Lá insistem em reproduzir todas as desventuras e devaneios de uma vida desregrada. Em síntese é esse o desenrolar da história. No entanto, nas entrelinhas é que está a essência da obra. O Cortiço mostra o abismo social que existe entre dois mundos de uma mesma sociedade, o que por si só se torna atualíssimo para nossos dias. A casa grande e a senzala, o cortiço e o sobrado, o morro e o asfalto, a comunidade e os bairros nobres. A dicotomia social ao mesmo tempo encravada e escancarada em nossa história. A cruel realidade retratada nos aglomerados urbanos do fim do século XIX, notadamente na Cidade Maravilhosa, está presente hoje, se não em todas, pelo menos na maioria das cidades e metrópoles brasileiras. Não se pretende desmerecer quem ocupa essas áreas menos abastadas, mas apenas alertar para o fato de que em um país gerador de tantas riquezas, a classe pobre foi relegada à própria sorte. Alguns ascenderam socialmente, como João Romão, outros milhões continuam a reproduzir a luta diária pela sobrevivência e outra parcela

significativa está às margens da lei e da ordem. Assim, a vida no cortiço segue, dia após dia. Alegrias, tristezas, negociatas, paixões, traições, malandragem, prostituição, gente decente, outras nem tanto. Um mundo paralelo, no qual ainda predomina a lei do mais forte. Para sobreviver, é preciso matar um leão por dia. O cortiço é de uma fase mais séria de Aluísio Azevedo, cunhado em uma crítica social onde mostra a essência humana em suas vicissitudes, escancarando seus medos, fragilidades, instintos, vícios, defeitos. Passa a ideia de que sempre existirá o abismo da desigualdade entre ricos e pobres, como um ciclo vicioso que não tem fim. Azevedo segue a tese naturalista e tenta confirmar que o homem é resultado do meio social, da hereditariedade e do contexto histórico. Reforça ideias deterministas que predominam na época, configurado na ordem e progresso de nosso maior símbolo nacional. É uma obra mais que atual e merece toda nossa atenção. Por mais que se tente combater algumas dessas ideias, ao estabelecer paralelos entre a realidade de outrora e a nossa pode ajudar a compreender o funcionamento de nosso amálgama social.



## PETINHADAS

### • E pra fechar...

#### **Prezado Dr. Pêta;**

Segundo Winston Churchill, o socialismo é a filosofia do fracasso, a pregação da inveja, a crença na ignorância e seu maior defeito é a distribuição igualitária da miséria entre todos, exceto seus líderes. Perfeita tradução, e tivemos um exemplo recente aqui no Brasil: os desgraçados governos do PT.

Mas ultimamente, como o Brasil é horsconcours em tudo, eles pregam o altruísmo e a exagerada crença na instrução educacional, inclusive com um líder iletrado. Inobstante e ultimamente, também, resolveram confessar, comungar e levantar o nome de Deus em vão, sem falar que a palavra democracia passou a ser um dogma infalível para eles. Contudo, na hora da prova dos nove, batem o catolé, silenciam. Por esses dias, a extrema ditadura da toga tentou assassinar a democracia censurando mídias e eles, até agora, nada disseram. Eu sei porque nada disseram. O barulho poderia atrapalhar a soltura do perseguido. Mas continuam com a sua eterna política da desordem. Por exemplo: a reforma da

previdência que pode tirar o Brasil do buraco a médio prazo, é o inferno na Terra, irá massacrar os mais pobres. Contra os outros vale tudo, mas contra eles é perseguição. Um outro exemplo: o cara que tentou matar a democracia no atentado ao candidato eleito, Bolsonaro e que veio lá do lado deles(PSOL), deram um jeito de endoidecê-lo. Mas se fosse contra Lula, Deus nos livre! Para eles, Bolsonaro é ditador, fascista, homofóbico, etc tal, mas abusam da democracia na defesa do condenado chefe que, pra eles, é um injustiçado por todos, até pelo Tio Sam e pela CIA. Um Cristo à procura de uma cruz. Ah, mas Maduro é um autêntico democrata, contradizendo a própria contradição.

Por derradeiro e em que pese essa praga que se abateu sobre o Brasil, nem que o ÉsseTêÉfe queira, nós venceremos. (Antônio Carlos - Ponta do Farol, São Luís MA)

.....